

# A “UNE de volta pra casa” – rituais de inscrição de memórias no espaço urbano

## “UNE is back home” – memory inscription rituals in the urban space

## La “UNE vuelve a su casa” – rituales de inscripción de memorias en el espacio urbano

Aline Portilho<sup>1</sup>

Recebido em: 29/9/2014  
Aceito para publicação em: 16/3/2015

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar o processo de inscrição de memórias da União Nacional dos Estudantes (UNE) no espaço urbano do Rio de Janeiro, e seu recorte é uma das ações que o compõem: a marcha nomeada Culturata. A análise sobre o evento em tela permite reflexões acerca da mobilização da memória de grupos para sua apresentação no espaço público. Revela também a importância dada por aqueles militantes ao ato de inscrever tais memórias no espaço urbano, o que garantiria a legitimidade de suas demandas.

**Palavras-chave:** memória; UNE; cidade; ritual; patrimônio cultural.

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda em História, Política e Bens Culturais pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (PPHPBC – CPDOC/FGV).

**Abstract:** This article aims to analyze the process of inscribing the memories of the “União Nacional dos Estudantes” (UNE) in the urban space of Rio de Janeiro, and its clipping is one of the actions of which the march named “Culturata” is comprised. The analysis of that event allows reflections on the mobilization of memory of groups for presentation in public space. It also reveals the importance given by those militants to the act of inscribing such memories in the urban space, thus ensuring the legitimacy of their demands.

**Keywords:** memory; UNE; city; ritual; cultural heritage.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar el proceso de inscripción de memorias de la “União Nacional dos Estudantes” (UNE) en el espacio urbano de Río de Janeiro, y su recorte analítico es una de las acciones que lo conforman, la marcha denominada Culturata. El análisis sobre el evento en pantalla permite reflexiones sobre la movilización de memorias de grupos para su presentación en el espacio público. También revela la importancia dada por los militantes para la afirmación de tales memorias en el espacio urbano, lo que garantizaría la legitimidad de sus demandas.

**Palabras clave:** memoria; UNE; ciudad; ritual; herencia cultural.

## INTRODUÇÃO

A União Nacional dos Estudantes (UNE), organização representativa dos estudantes de nível superior do Brasil, atravessou o século XX participando de importantes momentos da vida política nacional, como as campanhas pela entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, nos anos 1940, e pela nacionalização da exploração do petróleo, nos anos 1950; o enfrentamento ao golpe civil-militar, em 1964; as mobilizações pelo voto direto para eleição presidencial, nos anos 1980, e pelo *impeachment* do então presidente da República Fernando Collor de Melo em 1992, entre outros.

A fundação da UNE data de 1938, porém há controvérsias importantes em torno dessa questão. Nas narrativas memoriais produzidas pelos agentes da própria instituição, o ano correto seria 1937, quando foi realizado o I Conselho Nacional dos Estudantes<sup>2</sup>. Contudo, como demonstra Angélica Müller (2005), tal evento não efetivou a fundação da entidade. Isso ocorreria apenas no ano seguinte, no II Congresso Nacional dos Estudantes, cujo documento final apontava para a criação da organização denominada União Nacional dos Estudantes, definida como “a entidade máxima da classe estudantil” (MÜLLER, 2005, p. 39).

Apesar da controvérsia em torno da data, marcar 1937 como o ano de fundação da instituição levou, em 2007, à comemoração dos 70 anos da entidade. Diversas ações foram realizadas com o objetivo de marcar a data e mobilizar a sociedade em favor da instituição em uma antiga disputa judicial na qual ela estava envolvida: a concessão definitiva, para a entidade, da posse de um terreno situado na Praia do Flamengo, 132, no Rio de Janeiro.

Durante décadas existiu nesse endereço um prédio que havia sido construído, em 1929, pela Sociedade Germânia, associação que reunia os imigrantes alemães na cidade do Rio de Janeiro. Em razão da tomada de posição do Brasil em favor dos países Aliados na Segunda Guerra Mundial, o prédio foi confiscado em 1942 pelo governo e passou a ser

<sup>2</sup> Não foi possível encontrar em fontes textuais ou orais uma explicação sobre por que comemorar a fundação da instituição em agosto de 1937. O que há de concreto é que essa data foi firmada, especialmente, por Arthur Poerner no livro *O poder jovem - história da participação política dos estudantes brasileiros* (2005), obra fundamental na elaboração das narrativas memoriais oficiais da instituição.

administrado pelo Ministério da Educação e Saúde, que cedeu à UNE o direito de ocupar o espaço. A entidade manteve lá sua sede até o golpe civil-militar ocorrido em 1964, ocasião em que o prédio foi incendiado. Do ano seguinte até 1980, quando o prédio foi demolido, lá funcionou a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado Rio de Janeiro (Fefierj), posteriormente reunidas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Dos anos 1980 até 2007, o espaço foi ocupado por um estacionamento, sendo tomado como objeto de longa disputa judicial, envolvendo a UNE e os ocupantes do espaço. O ano de 2007 marcou o fim da questão, com ganho de causa para a UNE.

Os atos promovidos pela UNE no ano de 2007 foram reunidos neste artigo sob o nome de “retomada”<sup>3</sup> do terreno, a qual é entendida aqui como um ritual complexo, que buscava tanto comunicar publicamente os sentidos que o terreno apresentava para a instituição, por meio de atividades que tinham a memória da instituição como objeto primordial, quanto fortalecer essa memória, inscrevendo-a no espaço urbano para se legitimar. A “retomada” estabeleceu-se em três momentos: a Culturata, marcha realizada em 1.º de fevereiro de 2007 pelos militantes mobilizados em torno da UNE que culminou com a ocupação do terreno da Praia do Flamengo; a realização, no próprio terreno, da exposição fotográfica “Praia do Flamengo, 132”, com apoio do Departamento de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; e a elaboração do Projeto de Lei n.º 3.931, de 11 de agosto de 2008, que reconhecia a responsabilidade do Estado na destruição da sede da UNE no ano de 1964 e instituiu indenização como forma de reparação pelo ocorrido.

Como seria impossível, nos limites de um artigo, explorar toda a “retomada” com a densidade que sua complexidade exige, escolheu-se analisar neste texto uma das ações que a compõem: a marcha nomeada Culturata. A análise sobre o evento em tela permite reflexões acerca da mobilização da memória de grupos para sua apresentação no espaço público. Revela também a importância dada por aqueles militantes ao ato de inscrever essas memórias no espaço urbano, o que garantiria a legitimidade de suas demandas.

## A “UNE DE VOLTA PRA CASA”

É de praxe realizar, ao fim de cada Bienal de Arte, Ciência e Cultura da UNE<sup>4</sup>, uma Culturata. A marcha é uma forma adaptada das passeatas, instrumento tradicional de que o movimento estudantil se utiliza para promover suas reivindicações. Por ser um evento de caráter diferente das atividades recorrentes do movimento estudantil, há preocupação em torná-la mais leve, em oposição às demais passeatas que se realizam ao longo do ano. Assim é importante, para quem a conduz, que os participantes se sintam mais ativos e tenham possibilidades maiores de se expressar, por exemplo, por meio de intervenções artísticas. Durante as Culturatas, em geral, os militantes procuram também pautar reivindicações relacionadas ao campo das políticas públicas para a cultura, a fim de promover um diálogo com os movimentos sociais organizados em torno do tema.

O encerramento da 5.ª Bienal da UNE, realizada em 2007 no bairro da Lapa, cidade do Rio de Janeiro, apresentou algumas inovações. Essa Culturata foi planejada para, além de apresentar as demandas da UNE e finalizar o evento, marcar a comemoração dos 70 anos da entidade. Por isso, o trajeto iniciaria na Praça dos Arcos da Lapa e terminaria na Praia do Flamengo, em frente ao estacionamento que funcionava no n.º 132. A opção por esse

<sup>3</sup> Para uma análise pormenorizada sobre a “retomada”, ver Portilho (2010), especialmente o capítulo 3. Para saber mais sobre a história do prédio da Praia do Flamengo, ver Müller (2013).

<sup>4</sup> Evento realizado pela UNE que reúne artistas, estudantes e demais participantes para alguns dias de debates, mostras artísticas e trabalhos científicos.

desfecho deveria servir para demarcar e enunciar publicamente o retorno da instituição ao antigo lugar de sua sede, ainda que a Justiça não tivesse decidido em favor da UNE sobre a propriedade do terreno.

Ficou decidido, após duas reuniões de planejamento da atividade, que ela seria organizada em forma de cortejo que narrasse a história da entidade por meio da composição de alas e ações performáticas de grupos de teatro e música, pontuando alguns eventos da história da instituição. Também seriam convidados ex-presidentes da UNE para seguir à frente do cortejo, exceto os mais idosos, que iriam em uma *van* e entrariam na parte final da atividade.

Foram montadas quatro alas para representar os momentos escolhidos pela organização do evento para serem narrados. Um grupo representava a fundação da UNE e, vestido com roupas da época, posicionou-se no alto dos Arcos da Lapa, de onde jogou rosas sobre a concentração. Um segundo grupo, simbolizando a campanha pela entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, lançou gaivotas de papel sobre o cortejo, quando estava à altura do Passeio Público, representando a mobilização, promovida pela entidade, para a participação do país na Segunda Guerra por intermédio da Campanha Pró-Aviões, por intermédio da qual foi possível levantar recursos suficientes para doar três aviões de médio porte ao governo. Havia, ainda, um terceiro grupo vestido com macacões de petroleiro e com as mãos pintadas em tinta preta, simbolizando a participação da UNE na campanha “O petróleo é nosso”. A última ala era a dos “estudantes caras-pintadas”, fazendo referência ao movimento pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo, em 1992. Chama atenção que o tempo sombrio da ditadura militar não tenha merecido uma ala para sua rememoração. Porém, longe de ser um sinal de apagamento ou esquecimento, a escolha dos organizadores da Culturata foi por dar lugar de maior destaque ao período: foi representado por uma encenação do grupo de teatro de rua Tá na Rua.

No filme sobre a marcha produzido por militantes (CULTURATA, 2007), Gustavo Petta, então presidente da entidade, aparece iniciando a atividade e enunciando a motivação principal que mobilizava os militantes no momento: “Pra comemorar os setenta anos da União Nacional dos Estudantes”. É possível localizar, ao centro da imagem, os ex-presidentes da entidade Aldo Arantes, Wadson Ribeiro<sup>5</sup> e Ricardo Cappeli<sup>6</sup>, alguns militantes do movimento estudantil e o escritor Arthur Poerner. No filme aparece também o apoio de pessoas que passavam pela rua, que acenavam e pegavam bandeiras da entidade, policiais em postura fraterna, sorrindo e se cumprimentando. Contava a história daquela atividade como um ato pacífico, demarcando também que os tempos estavam transformados: policiais estariam ali para fazer a segurança e organizar o trânsito para que a passeata se realizasse, em vez de combatê-la.

Na altura da Praça Luís de Camões, bairro da Glória, parte externa do Memorial Getúlio Vargas, o grupo de teatro Tá na Rua encenou a morte do estudante Edson Luís, ocorrida em 1968, fato que ocupa lugar de importância na história da instituição. A música do filme se modifica, passando a tocar “Pra não dizer que não falei das flores” (Geraldo Vandré), identificada como símbolo da geração que seria retratada. O grupo, que tem como lema “Teatro sem arquitetura, dramaturgia sem literatura e ator sem papel”<sup>7</sup>, fazia uma encenação que incorporava participantes da plateia para, sob a condução do *narrador*, rememorar como Edson Luís se tornou herói para o grupo.

<sup>5</sup> Foi estudante de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É militante do PCdoB e foi presidente da UNE de 1999 a 2001.

<sup>6</sup> Militante do PCdoB, era estudante de Informática da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, quando foi eleito presidente da UNE, cargo que ocupou de 1997 a 1999.

<sup>7</sup> Cf. Turle (2008).

A maneira pela qual o grupo escolheu narrar o acontecimento na Culturata revela elementos cuja problematização se torna pertinente. O narrador inicia afirmando: “Desde o golpe de 1964, o povo não saía mais às ruas”. Dirigindo-se ao público, solicita: “Para produzir um cadáver, vou pedir um voluntário. Um voluntário para produzir um cadáver”. Após o voluntário se apresentar, o narrador estabelece as personagens da cena: o “cidadão comum” e o “policial militar”. Além desses, a encenação contava com um grupo de atores que formava o “coro”. O narrador pede, então, que o “cidadão comum” faça “qualquer gesto, como mexer e levantar o braço”. Ao menor movimento do voluntário, o ator “atira”. O narrador, então, explica o fato.

Tá aqui, um simples gesto e o policial reagindo. Assim foi, também, com Edson Luís. Os estudantes dividiram, com a polícia militar, o cadáver. Por fim, eles conseguiram fazer o cortejo do estudante. No dia 28 de março, durante manifestação estudantil no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, um soldado da PM mata o estudante Edson Luís de Lima (CULTURATA, 2007).

A linguagem utilizada pelo grupo dispensa técnicas, tidas como ludibrias, da arquitetura e da literatura. É com base na *performance* criada que se constroem lugares demarcados para o estudante e o policial, a resistência e a ditadura militar, respectivamente. O estudante, vítima da truculência do policial, é morto indefeso, e a causa da ação é o menor gesto, o mais simples, “qualquer um”, e não um confronto, por exemplo.

Deve-se considerar que os confrontos entre polícia e estudantes no período retratado não eram baseados em igual divisão de potencial bélico entre as partes. Chamo atenção para a ênfase que tal aspecto ganha na narrativa. Ao compor a trajetória da UNE ressaltando os atos de heroísmo e ações de resistência de seus militantes, também há espaço para articular elementos que denunciam a arbitrariedade do sistema, que atacava e vitimava indivíduos indefesos, revelando que mesmo a posição heroica elaborada pelos militantes para a ação das gerações anteriores comporta uma retórica de vitimização.

O “coro”, que carregava o “corpo” do estudante, significando o cortejo ocorrido em 1968, gritava “Mataram o estudante! Ele podia ser seu filho! Mataram o inocente!”, em uma estratégia de criar identificação com aqueles que estão do outro lado das fronteiras que delimitam a categoria dos militantes. Mesmo o ato de transformar a morte de um estudante comum, que não era militante, como foi o caso de Edson Luís, em um martírio da entidade é uma maneira de explicitar o caráter arbitrário das ações da repressão. Ao final da cena, a estratégia vai além: coloca-se o “corpo” do estudante sobre uma bandeira brasileira, articulando um elemento de identidade nacional para legitimar a narração do fato. Essa proposição, que busca fazer daqueles elementos enunciados na marcha significativos não somente para o movimento estudantil, como também para o país todo, revela-se também na fala seguinte de Gustavo Petta:

É isso aí, “galera”. Temos gente do país todo. São os baianos, são os pernambucanos, são os gaúchos, são os maranhenses, são os paulistas, cariocas, são os brasileiros que estão aqui nessa luta pela cultura popular, nessa luta pela democratização dos meios de comunicação e na luta pela retomada da nossa sede e do nosso espaço cultural (CULTURATA, 2007).

O hábito comum nas passeatas estudantis de saudar os participantes pela sua origem federativa amplia-se para falar dos “brasileiros”, resguardando o lugar do movimento estudantil na totalidade da nação. Sua luta, também, não é somente a que diz respeito diretamente ao grupo – a retomada do terreno –, mas inclui em sua pauta demandas amplas como a “cultura popular” e a “democratização dos meios de comunicação”,

buscando desvincular seu discurso de um comportamento corporativo e tentando alcançar o reconhecimento dos que estão em volta.

Essa lógica fica especialmente clara na frase seguinte, quando o então presidente da entidade afirma: “E agora os estudantes brasileiros, os artistas brasileiros, vão recuperar, vão retomar *um espaço que é da cidade, um espaço que é do Brasil*, que é a Praia do Flamengo, 132”. Gustavo Petta não fala somente para os demais militantes que o seguem. Ele projeta seu ato de fala para os outros – transeuntes, moradores, policiais, que estão praticando o espaço urbano naquele momento – que, apesar de estarem além da fronteira da categoria “militante”, se identificam com a UNE por intermédio do passado narrado naquela marcha ritual. Deseja que os que estão à sua volta vejam o terreno onde outrora existiu o prédio que, entre outras funções, serviu de sede à UNE, como um espaço importante para a cidade e o país, mais do que somente para a entidade. Ou seja, procura estabelecer que os espaços e fatos constituintes da topografia da memória da instituição não são de domínio só do grupo, mas da sociedade.

A cena seguinte do vídeo mostra novamente o primeiro grupo da passeata, composto pelos ex-presidentes e alguns militantes responsáveis por derrubar o portão, se organizando para o ato. No carro de som, Gustavo Petta fala:

Ninguém mais vai segurar, ninguém mais vai deter a força do movimento estudantil, a força do movimento cultural, que sabem muito bem que um *espaço histórico* como esse tem que ser novamente a sede da União Nacional dos Estudantes.

As imagens seguintes, já dentro do terreno, mostram os militantes cantando o Hino Nacional e depois imagens dos ex-presidentes também dentro do terreno. Imagens de militantes *pichando* e *grafitando* os muros do lugar demonstram uma proposta de praticar a retomada alterando o lugar de imediato e da forma como podiam no momento.

Um vídeo em duas partes, produzido por outro militante, mostra imagens do carro de som na hora da ocupação (UNE..., 2007a). Vale chamar atenção para o nome dado aos vídeos: *UNE de volta pra casa*. Este foi o mesmo nome adotado pela campanha em favor da construção do novo prédio da instituição e revela os sentidos que os militantes buscavam dar àquela experiência – de retorno ao espaço que lhes foi retirado violentamente – e àquele local, sua residência, sua *casa*.

É possível escutar no vídeo Gustavo Petta e outra militante alertando os participantes do movimento para que tivessem cuidado com os carros parados no estacionamento. A moça adverte: “A UNE está, de forma pacífica, retomando o que é seu”. Lúcia Stumpf, então diretora da entidade e futuramente sua presidente, afirma: “Estamos retomando o terreno aonde nós vamos *reconstruir* a sede da UNE” (UNE..., 2007a). *Retomar* e *reconstruir* são conceitos que estão ligados desde esse momento, compondo a retórica subjacente à demanda por reparação da entidade, que surgiria futuramente.

Em seu discurso final, Gustavo Petta fala mais uma vez (UNE..., 2007b) em nome dos “estudantes”, e também dos “cariocas”: “em nome de todos aqueles que lutam pela democracia, em nome de todos que enfrentaram os porões da ditadura militar, nós voltamos para nossa casa, nós voltamos para a Praia do Flamengo, 132”. Procura ancorar seus argumentos na ação das gerações anteriores, ampliando sua legitimidade. E o faz tendo consciência de que, diante dos agentes mobilizados e do passado articulado naquela ocasião, “ninguém terá força para tirar os estudantes desse espaço histórico. Ninguém vai ter mais força porque nós temos legitimidade”. Prossegue afirmando

Esse é um *momento histórico*! Arthur Poerner, eu sei que você tá por aí e você já pode ir se preparando pra mais noites em claro, porque você vai ter que escrever mais um capítulo do *Poder Jovem*. Mais um capítulo da história

rica de lutas do movimento estudantil. Mais um capítulo. Um capítulo como aquele da luta do Petróleo é Nosso, da luta contra a ditadura, pela Anistia, pelo Fora Collor, da luta contra as privatizações, pela Reforma Universitária e, a partir de agora, a UNE volta pra sua casa (UNE..., 2007b).

As lutas pontuadas em sua fala revelam o lugar na trajetória da entidade em que o militante procura inscrever aquela ação. Com a consciência da abrangência de seu ato, o qual projeta como um momento que deverá ser rememorado como *histórico* no futuro, aponta até mesmo os meios de promovê-lo. Arthur Poerner é autor do livro *O poder jovem* (2005), que faz uma narrativa da trajetória da UNE. A obra é periodicamente atualizada pelo autor para incluir fatos mais recentes à narrativa – sua primeira edição foi lançada no ano de 1968 e a última em 2005. O livro, reconhecido entre os militantes da UNE como um *panteão*, imortaliza e guarda os *heróis* do movimento estudantil. Assim, Gustavo Petta não hesita em sua estratégia para inscrever aquele entre os atos memoráveis que deixa de legado para as futuras gerações: é fundamental acionar Arthur Poerner<sup>8</sup>.

Dois anos depois, em entrevista, Gustavo Petta guardava um lugar de destaque à marcha que culminou com a ocupação do terreno.

*O mais marcante, com certeza, foi na Bienal da UNE aquele ato que reuniu vários ex-presidentes que foram juntos com os estudantes para a sede da UNE retomar um patrimônio da UNE, um patrimônio da sociedade brasileira, que é a Praia do Flamengo, que é aquele nosso terreno que agora esta prestes a se construir ali a nova sede da UNE (PETTA, 2009).*

Fica em sua memória o encontro das gerações no momento, os ex-presidentes com os “estudantes”; também que aquele, além de ser um “patrimônio da UNE”, é um “patrimônio da sociedade brasileira”. Ele e sua geração nunca estão sozinhos no ato. Seja internamente ao grupo, citando a participação dos mais antigos, seja externamente, falando em nome da sociedade brasileira, no discurso sempre se procura reafirmar que aquela não foi uma ação isolada, buscando produzir a legitimidade de quem fala pela “sociedade”, e não apenas por seu grupo.

Tiago Alves, então coordenador do Circuito Universitário de Cultura e Arte (Cuca) da UNE<sup>9</sup>, relembra o momento articulando outros elementos.

*Eu acho que foi uma ousadia. Acho que foi a ação mais radical. Eu nunca participei de uma ação tão radical! Eu já participei de passeata, de confronto com a polícia... Mas uma ação tão radical, que tomou! Falou: “não, esse terreno é nosso, esse espaço é nosso”. Foi lá e tomou mesmo. Entrou, ocupou, morou. Eu morei três meses dentro do contêiner, dentro de uma barraca. Então, foi uma ação extremamente radical, extremamente simbólica (ALVES, 2009).*

Para Tiago, o mais marcante era o radicalismo audacioso, beirando a inconsequência, característica que também serve para atribuir valor positivo a outras situações da atividade militante. Além disso, em suas palavras, a convivência, “*em que pese desgastante*”, era muito

<sup>8</sup> Uma análise sobre o papel desse livro na elaboração de uma identidade heroica para a UNE é foco do livro *A UNE e o mito do poder jovem* (SALDANHA, 2005).

<sup>9</sup> O Cuca da UNE é um instituto, pessoa jurídica de direito privado administrativamente independente da UNE que, porém, mantém uma relação orgânica com esta.

produtiva e foi essencial para desenvolver o contato com o IPHAN, que proporcionou a realização da exposição “Praia do Flamengo, 132”, e para fomentar as discussões sobre o potencial de trabalho que se abria por meio da mobilização da memória da instituição.

### “ENTROU, OCUPOU, MOROU”

Mais do que ocupar o terreno, era preciso ritualizar tal ato, “performatizando” que antigos sentidos atribuídos àquele espaço seriam recuperados a partir de então. Produzia-se, por meio das palavras e dos atos proferidos, a recuperação de uma das antigas destinações que aquele espaço teve. O terreno da Praia do Flamengo, 132, é em si um “espaço”, um “lugar praticado”, segundo a definição de Michel de Certeau. Para o autor,

espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambigüidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificada pelas transformações devidas a proximidades sucessivas (CERTEAU, 1994, p. 202).

Aquele foi um *espaço praticado* por diversos grupos que não somente a UNE, aplicando a ele diferentes significações. Porém os usos dados pela UNE, configurados no Teatro Estudantil, no Centro Popular de Cultura (CPC), na moradia estudantil, entre outros, contribuíram para construí-lo como um lugar que localiza no espaço urbano significações ligadas a ideias políticas e visões de mundo correspondentes aos defendidos pelos próprios militantes que conduzem a instituição no presente. Ao colocar elementos em relação, comunicar significados e enunciar, a partir daquele local, simbólico e físico, visões de mundo e posicionamentos sobre a realidade, os militantes do movimento estudantil construíram aquele como um *lócus* de sua identidade, um lugar para sua representação.

Destaca-se que a disputa judicial em torno do terreno não era, então, conhecida por grande parte da população carioca. E, após a ocupação, romarias de jornalistas, moradores das vizinhanças, políticos, entre outros, seguiam diariamente para o terreno com o objetivo de divulgar nos veículos de comunicação o que ali acontecia, prestar apoio aos militantes e compartilhar memórias de experiências individuais que viveram naquele espaço quando era sede da UNE.

Este foi um dos efeitos gerados pela própria estratégia de articular a memória da instituição ao espaço urbano, utilizada na *Culturata*: produziu, na comunidade que se reconhece naquele espaço, a legitimação de suas demandas. Além disso, evidenciou a construção de um discurso sobre a UNE e alguns de seus mecanismos de elaboração e enunciação.

Faz parte de tal estratégia discursiva o uso de determinadas categorias, escolhidas não à toa. O esforço é não somente de ocupar o espaço físico, como também de estabelecer o léxico capaz de categorizar e construir essa experiência. É o que se percebe ao analisar os termos utilizados nos diversos momentos. Se o que os estudantes promoveram foi uma “ocupação”, para se referir às ações dos agressores o termo empregado é “invasão”. Os militantes “retomam” o terreno, que agora é elevado ao estatuto de “histórico”. Assim, mais que qualificar a experiência daquele momento, as maneiras de nomear desempenharam papel performativo, ou seja, elas também foram ato, também construíram a experiência<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Essa característica do ritual é, segundo Stanley Tambiah (1996, p. 222), uma extensão da ideia austínia de *performance*: “wherein ‘saying’ and naming something with words, voice modulations, gestures and other kinesic movements is also doing and achieving effects”.

O ritual da marcha que levou à reocupação, pela UNE, do terreno da Praia do Flamengo, 132, opera como uma estratégia de inscrição das memórias desse grupo na cidade e como forma de legitimação das suas próprias memórias. Chama atenção que as ações estabelecidas pelos militantes para apresentar-se na cena pública tenham sido justamente no campo da memória, e não se pode entendê-las como uma estratégia descolada de movimentos mais amplos. Conforme aponta Andreas Huyssen, a partir dos anos 1980, a memória emergiu como uma preocupação central nas sociedades ocidentais. Essa constatação marca um “deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo” (HUYSSSEN, 2000, p. 9). Há um retorno ao passado que “contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX” (HUYSSSEN, 2000, p. 9). A sociedade contemporânea passa, então, a ter como foco o “passado presente” e não mais o “futuro presente”, como no início do século XX.

As memórias em torno do prédio da Praia do Flamengo têm, sem sombra de dúvida, papel destacado na narrativa e na *performance* que dão fundamento a tal processo. Por meio da imagem de seus escombros, e da violência que esta evoca, os militantes articularam no espaço urbano suas memórias. Entretanto não é o espaço físico, pela sua reconstrução ou a demarcação de sua ausência, que se busca reconhecer. Ressalte-se que o edifício foi alvo de destruição<sup>11</sup>, algo definitivo e incontornável. O prédio funciona como uma ferramenta para acionar a inscrição das memórias da própria UNE no espaço da cidade. E é em nome da valorização da UNE que seus militantes vão mobilizar, articular e agenciar demandas por reconhecimento e reparação política.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Tiago. **Tiago Alves**: depoimento [10 out. 2009]. Entrevistadora: Aline Portilho.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: as artes do fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CULTURATA. Produção de Cuca da UNE. 2007. Vídeo. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=3d6nUoE80PQ](http://www.youtube.com/watch?v=3d6nUoE80PQ)>.

<sup>11</sup> Em razão dessa categoria, por exemplo, as políticas de preservação do patrimônio cultural foram desenvolvidas. A discussão articulada por José Reginaldo Gonçalves no livro *A retórica da perda* (1996) esclarece como a retórica que estabelece determinados elementos como “patrimônios” produz a ideia de que esses mesmos elementos estão ameaçados pela iminência de destruição. Ela está no fundamento dos discursos que defendem a preservação, mesmo quando estes obedecem a lógicas intelectuais distintas. O fato de ter sido alvo de investimentos tão violentos contribui para preencher a entidade, contemporaneamente, de significação. Gonçalves identifica, ainda, nesses discursos do patrimônio cultural uma concepção moderna de história como um processo inexorável de destruição. Tal concepção explica o pavor da perda, caracterizada, portanto, como algo totalmente externo, uma violência. Esse processo “inexorável” torna transitórios e fragmentados os valores e objetos de referência das identidades, e para agir contra isso é necessário apropriar-se – ou seja, lançar fora do discurso do patrimônio cultural a transitoriedade e a fragmentação para garantir a ele, e às categorias que dele decorrem, certas noções de unidade, identidade e integridade. Essas noções são construídas, entretanto na elaboração discursiva elas aparecem como elementos essenciais e naturalizados do patrimônio. É possível perceber essa concepção de história e empenho por integridade discursiva no ato de escrever a história legítima da UNE. O conjunto de experiências ocorridas naquele prédio dá à instituição o direito à proteção, materializado no pedido de reparação do Estado pelos atos cometidos contra ela durante o regime militar. Narra-se, portanto, como patrimônio “cotidiano”, que segundo Gonçalves (2003, p. 119) tem como ponto de referência básico a experiência pessoal e coletiva dos diversos grupos e categorias sociais em sua vida cotidiana.

GONÇALVES, José Reginaldo. **A retórica da perda:** os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

\_\_\_\_\_. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gêneros de discurso. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cidade:** história e cotidiano. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 108-123.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MÜLLER, Angélica. **Entre o estado e a sociedade:** a política de juventude de Vargas e a fundação e atuação da UNE durante o Estado Novo. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. Praia do Flamengo, 132. Entre história e memória. In: SANGLARD, Gisele; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; SIQUEIRA, José Jorge (Orgs.). **História urbana** – memória, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

PETTA, Gustavo. **Gustavo Petta:** depoimento [10 out. 2009]. Entrevistadora: Aline Portilho.

POERNER, Arthur. **O poder jovem** – história da participação política dos estudantes brasileiros. Niterói: Booklink, 2005.

PORTILHO, Aline dos Santos. **Praia do Flamengo, 132.** Memória, reparação e patrimonialização da União Nacional dos Estudantes. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais)–Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

SALDANHA, Alberto. **A UNE e o mito do poder jovem.** Maceió: Editora da Ufal, 2005.

TAMBIAH, Stanley. The routinization and ritualization of violence. In: \_\_\_\_\_. **Leveling crowds:** ethnonationalist conflicts and collective violence in South Asia. Berkeley: University of California Press, 1996.

TURLE, Licko. Teatro sem arquitetura, dramaturgia sem literatura, ator sem papel. **Revista Tá na Rua**, ano 1, n. 1, p. 10-13, jul. 2008.

UNE de volta pra casa – Parte I. Produção de Cuca da UNE. 2007a. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=XYL\\_1DE1poY](http://www.youtube.com/watch?v=XYL_1DE1poY)>.

UNE de volta pra casa – Parte II. Produção de Cuca da UNE. 2007b. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=htE3b2f\\_MKs](http://www.youtube.com/watch?v=htE3b2f_MKs)>.